

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Atualidade de Monteiro Lobato para a indústria do livro

Alice Mitika Koshiyama – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

RESUMO

O trabalho avalia a atuação de Monteiro Lobato editor de livros e situa sua importância na história como o mais qualificado ideólogo da indústria do livro no Brasil. Pioneiro na produção do setor, defendeu os interesses da empresa editorial ao mesmo tempo em que produzia seus textos para literatura infantil e adulta. Conseguiu perceber os interesses do empresário editor e dar um status para o livro como produto cultural e instrumento indispensável para a formação e a construção da cidadania no país. Seu trabalho na produção e comércio de livros nos anos vinte e sua atividade de escritor de obras infantis e de adultos na primeira metade do século vinte atestam seu vínculo com a constituição de valores sobre a função do livro na vida do país. Valores que permanecem e se renovam na atualidade em novos contextos históricos.

Palavras-chave: Monteiro Lobato – indústria do livro no Brasil - formação da cidadania

E-mail: alicemit@usp.br

Atualidade de Monteiro Lobato para a Indústria do Livro

Alice Mitika Koshiyama – Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

1. Introdução

“Um país se faz com homens e livros.”

Monteiro Lobato, *América*, p.45

A crença iluminista de que o esclarecimento, a cultura, a leitura tornariam as pessoas melhores alimentava o mundo de Monteiro Lobato. Um homem formado em direito, cultor das letras, crítico da vida quotidiana, nos anos vinte do século passado trocou uma pacata vida no campo pela cidade de São Paulo, aventurando-se no jornalismo de *O Estado de S.Paulo* e na fundação da Editora do Brasil. Fazer minha dissertação de mestrado sobre ele foi um fascinante trabalho de descoberta e o exercício de avaliar de novo aquilo que parecia tão familiar.

Ele era um personagem que habitava o meu imaginário, como escritor e homem de ação no Brasil que eu tentava compreender, muito antes de eu me aventurar na construção da minha dissertação de mestrado entre 1972 e 1978, na ECA-USP.

Antes da pesquisa, Monteiro Lobato foi um dos meus autores preferidos na infância, pelas imorredouras personagens que habitavam o sítio do Pica-pau Amarelo. Na adolescência, conheci as obras dele no acervo da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, da cidade de São Paulo: *Urupês*, *Cidades Mortas* e os textos sobre a campanha do ferro e do petróleo e o saborosíssimo conjunto de cartas em 2 volumes *A Barca de Gleyre*.

Aqui tratamos de 2 momentos da minha relação com Monteiro Lobato. No passado, a minha visão do ideólogo da indústria editorial no Brasil. Na conjuntura de 2003, vejo a presença ideológica de Lobato no apoio à ação empresarial dos editores, principalmente nas suas falas de escritor de sucesso junto ao público.

2. Lobato editor, escritor e ideólogo da indústria do livro no Brasil

A construção do projeto de pesquisa foi uma atividade que começou com uma idéia equivocada. Em 1972, tinha escolhido como objeto inicial de estudo a indústria editorial no Brasil no primeiro governo de Getúlio Vargas. Ao saber disso, meu professor no inesquecível curso sobre Humberto Mauro e o cinema brasileiro, Paulo Emílio Salles Gomes, fez uma fulminante indagação: indústria editorial nessa época, mas havia isso? A ironia do intelectual que viveu todas as agruras da ditadura de Vargas foi um tranqüilizante para eu desistir de procurar algo que não existiu.

Em 1974, tinha como fruto de dois anos inteiros de buscas, um arquivo de referências, levantadas no balanço sobre as leituras de memórias, depoimentos, cartas, relatórios, discursos referentes ao sistema de produção, edição e divulgação de livros no Brasil até os anos setenta. E no arquivo um nome sobressaía: Monteiro Lobato.

Conversando com o meu orientador, professor Virgílio Noya Pinto, tive a certeza: Lobato significou algo muito importante para a área da produção de livros no país e cabia estudar sua contribuição. Hoje sabemos todos que foram múltiplas suas contribuições, e várias delas ainda estão sendo desvendadas. Minha dissertação foi uma das percepções construídas com o apoio da metodologia de estudos de história e comunicação, intensamente trabalhada em conjunto com um orientador que sabia valorizar todas as iniciativas discentes.

As fontes de informação para pesquisa sobre seu trabalho estavam fixadas em seus escritos. Foi interessante observar a coerência entre o Lobato homem de ação e o Lobato homem que acreditava em idéias movendo o mundo. Por isso, as marcas da ação de Monteiro Lobato puderam ser localizadas porque ele foi o melhor divulgador de suas idéias e de suas obras, plenamente sintonizado com sua época. E porque teve uma hegemonia que motivou a elaboração de uma primeira excelente biografia escrita por um admirador, ainda nos anos cinquenta do século XX, apresentando as diferentes facetas de sua ação cultural e política (cf. Edgard Cavalheiro. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2 tomos).

Cláudio Giordano, editor e pesquisador, conserva cuidadosamente o acervo da Editora do Brasil, formando uma documentação que atesta a perspectiva de trabalho do Lobato editor.

Conhecedor da multiplicidade de interesses que a leitura poderia suprir, Lobato procurou editar desde a literatura de ficção até obras sobre temas da vida quotidiana, atendendo a heterogeneidade do público leitor. Procurou criar pontos de vendas a varejo, deixando produtos em consignação. Mas, por intermédio do seu amigo Alarico Silveira vende por atacado para o Governo

do Estado de São Paulo, como obra didática, o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* para ser distribuído nas escolas.

O acervo de documentos sobre Monteiro Lobato e sua obra permanece aberto ainda a muitas interrogações de pesquisadores das mais diferentes formações. E permite a construção de sempre novos projetos de pesquisa, dependendo dos conhecimentos e interesses dos investigadores.

Em oportuna resenha de livros sobre depoimentos de editores que comentaram sua atividade profissional, Aníbal Bragança chama a atenção para a raridade de depoimentos de editores brasileiros sobre o próprio trabalho e destaca: “O mais importante é, ainda, o de Monteiro Lobato, em *A barca de Gleyre*, em que, na correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, relata seus sonhos, as lutas do cotidiano, as realizações e frustrações de seu trabalho de editor, nas primeiras décadas do século 20.” (cf. O difícil ofício de editar livros, in "Caderno Idéias" do *Jornal do Brasil* em 06/07/2002)

Lobato editor: 1918-1948 é o tempo da história do livro brasileiro constituindo suas referências que atestam sua presença e sua utilidade para a construção do país.

Note-se que dos editores brasileiros citados por Bragança referentes às primeiras quatro décadas do século XX -- Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, José de Barros Martins, Nelson Palma Travassos -- todos estão presentes em minha dissertação terminada em 1978. E Monteiro Lobato é uma referência nos textos desses pioneiros, o que motivou a hipótese de pesquisa sobre Monteiro Lobato, empresário editor e escritor, ser o ideólogo da indústria do livro no Brasil.

A periodização que adotei: 1918, início de sua entrada no ramo editorial e gráfico, até 1948, data de sua morte, marca uma série de transformações na sociedade e na cultura no Brasil. O trabalho trouxe uma compreensão das relações entre os resultados da ação individual e o sistema econômico, social e cultural no qual Monteiro Lobato agiu.

Na dissertação buscaram-se as conexões entre a ação individual e o processo histórico, econômico e social conjugando-se óticas de longa duração, tempo cíclico e *événement* (cf. Fernand Braudel. História e Ciências Sociais: a longa duração, *Revista de História*, no. 62).

Procurou-se detectar em que medida algumas condições herdadas do passado apresentavam-se ligadas às ações de Monteiro Lobato e seus contemporâneos. E como o passado foi negado ou redefinido no tempo presente, de Monteiro Lobato no período de 1918-1948. No equacionamento dos problemas colocados podemos observar como o setor de produção de livros se inseriu no processo de produção para a economia de mercado no Brasil dos anos 20 aos anos 40, através da ação de empresários e trabalhadores.

Na história do Brasil, Monteiro Lobato simboliza a luta para a formação de uma economia de mercado para o livro. Nesta, necessita-se de um público comprador de livros suficiente para oferecer lucros considerados compensadores pelos empresários. Os escritores participam fornecendo o fruto de seus trabalhos sob forma de mercadorias livros e colaboram para os lucros dos livreiros e editores.

Todos agem como peças de um sistema de produção, confirmando a tese de Max Weber sobre as regras de produção do sistema capitalista, inclusive a aceitação de uma mentalidade que legitima o trabalho e a busca do lucro. (cf. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, pp. 129-131).

Monteiro Lobato fez uma coerente defesa dos interesses do setor editorial brasileiro enquanto empresa capitalista, ação concretizada na condição de escritor, tradutor e empresário (editor e gráfico). (cf. A. M. Koshiyama, *Monteiro Lobato empresário, trabalhador intelectual e ideólogo da indústria do livro no Brasil*. Capítulos II e III). Para isso enfrentou as condições vigentes na produção da cultura impressa no Brasil, moldada na colônia e consolidada ao longo do século XIX e início do XX. (cf. idem, *ibidem*, Capítulos II e III).

Da relação dialética entre Monteiro Lobato e sua época emerge um traço constante, traço de longa duração em seu comportamento: a defesa das condições necessárias para o desenvolvimento da produção do livro em uma economia de mercado no Brasil. As mudanças de situação ao longo do tempo não modificaram sua posição fundamental de concordância com a lógica do capital.

E na década de quarenta, Monteiro Lobato dizia-se um exemplo de escritor financeiramente vitorioso e desprezava as críticas sobre a falta de qualidade literária de suas obras assim:

No fundo, o que há contra mim é inveja em consequência de minha vitória comercial nas letras. Até o fim do ano, passo de 2 milhões em minhas tiragens. Estou (ou vou ficar até o fim do ano) com 66 edições aqui e 37 na Argentina (ou mundo de língua espanhola), tudo isso dando renda. Aqui é que está o busilis. Eles por mais que eu escondesse o leite, descobriram que no ano passado paguei 54 mil cruzeiros de imposto de renda – exclusiva de direitos autorais. Isso sem contar a minha renda na Argentina. Eles são uns gênios mas não vendem, tem que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. O Lobato é uma besta, mas esta vendendo bestamente, cada vez mais. Daí o atual “pau no Lobato”. (*Cartas Escolhidas*, p. 227)

Mas, para os que lhe pediam conselhos para prosperar, lembrava que podiam ganhar dinheiro se tivessem o dom (grifo nosso) de ganhar dinheiro como empresários (citava o editor Octales Marcondes Ferreira, então dono da Companhia Editora Nacional). Aos outros, recomendava (como fariam os editores de todo o mundo aos escritores): “(...) tem que fazer como o galego: arregaçar as mangas e ganhá-lo na dura, suadamente, gota a gota. Tem de aturar patrões, de privar-se de tudo, do fumo, do chope – de tudo o que não for estritamente indispensável à vida.” (cf. *Cartas Escolhidas*, p.244)

E até ao neto, Rodrigo, que mostrou gosto pelos livros infantis do avô, Monteiro Lobato ensinou: “A grande coisa é esta; produzir coisas que o mundo compra, porque se o mundo não compra a gente fica a chupar o dedo, com o bolso sempre vazio.” (cf. *Cartas Escolhidas*, p. 272)

Sobre a literatura infantil, Lobato calculava abarcar dois terços da tiragem de seus livros (cf. *Prefácios e Entrevistas*, p. 209), havia a certeza de ter um público cativo. Seu amigo Godofredo Rangel, ao manifestar interesse em publicar livros para crianças, leu a declaração: “eu fiz meu público, estou fazendo esse meu público desde a 1^a. edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e você agora é que surgiu no campo. Quem conhece a marca “G.R.” no livro infantil? E quem não a conhece a marca “M.L.”?” (cf. *A Barca de Gleyre*, v. 2, pp. 367-368).

3. Atualidade de Lobato

Livros: produtos de exportação

Um olhar sobre o passado e a visão da indústria editorial no mundo globalizado traz algumas questões instigantes. A lógica do mercado, detectada e defendida por Lobato escritor, que soube escrever e produzir para os seus leitores compradores, apresenta-se cada vez mais implacável e onipresente.

No Brasil temos a coexistência de pequenas editoras e grandes empreendimentos de multinacionais do setor. O negócio do livro utiliza todas as mais novas tecnologias do computador e da internet e incorpora algumas das mais modernas formas de gestão de empresas do mercado.

Exportamos autores, como Paulo Coelho, brasileiro que é aceito como consagrado produto editorial, sua marca está internacionalizada em traduções de suas obras no exterior, em países consumidores de livros como a França ou o Japão.

Paulo Coelho ocupa os vários espaços dos meios de comunicação de massas para manter seu nome em evidência: colunas de jornais, página na internet, constante presença nos meios de comunicação de massas como entrevistado, lançamentos de obras com grande cobertura na imprensa.

É um sucesso de vendas, tem leitores compradores cativos, mas não é um sucesso junto aos críticos literários renomados que o rejeitam. O crítico e professor de teoria literária João Alexandre Barbosa, convidado pela revista *Cult* no. 70, deu a sentença após a leitura do último romance de Paulo Coelho: “Dentro da Academia (Academia Brasileira de Letras), fora da literatura”.

Produtos da globalização

Mas a comercialização das obras de Paulo Coelho está longe ainda da logística de lançamentos internacionais mais cotados. Como o da série de livros de J. K. Rowling e seu personagem Harry Potter, que motivou intensos e constantes movimentos dos meios de comunicação de massas para a sua transformação em fenômeno de media, em um mercado globalizado, com produtos para o mundo todo.

Mais do que a sua criadora, Harry Potter é um garoto que adquiriu vida própria. De nada adiantou o crítico Harold Bloom julgá-lo personagem de péssima e maléfica literatura (cf. revista ÉPOCA, 03 de fevereiro de 2003).

O quinto volume da série, da edição em inglês, *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, teve lançamento simultâneo mundialmente com a participação das grandes livrarias da cidade de São Paulo.

Enquanto isso, para manter o personagem em evidência, diariamente, publicava-se, nos meios de comunicação, um novo texto em torno do tema Harry Potter.

A editora Objetiva anunciava o lançamento da tradução em português para o final do ano de 2003 no Brasil. Ironicamente, apareceram gratuitamente os textos dos primeiros 15 capítulos traduzidos da obra, à disposição na internet, dias depois do original em inglês ter entrado em circulação. A operação, executada por fãs e denominada projeto Harry 5 Br, resistiu, até ser colocada fora do ar, no final da primeira quinzena de julho, em <http://www.abrcam.kit.net/harry5/index.html>.

O lançamento do 5º. livro sobre Harry Potter de J. K. Rowling mostra a nova configuração da media, que não distingue jornalismo e publicidade como dois campos com princípios éticos específicos, e coloca os dois a serviço do objetivo maior que é vender o produto.

Há um desrespeito aos leitores que ainda acreditam ser o jornalismo um campo de informação independente. Conforme revelou Brian MacArthur, executivo do *The Times* : para fazer uma entrevista exclusiva com J.K. Rowling, autora dos livros de Harry Potter, o jornal foi obrigado a assinar contrato de 6 páginas, "longamente negociado". A entrevista saiu na véspera do lançamento do 5º. título da série. Mac Arthur reconhece, em texto publicado pelo *The Times* em 4 de julho:

"era uma proposta que nenhum veículo recusaria, embora tenha insultado a nossa integridade jornalística" (grifo nosso). "A lista de exigências determinava precisamente que repórter iria fazer a matéria e quem iria fotografar, o dia exato do encontro, onde e como seria divulgado e promovido em rádios e jornais. O contrato dava a Rowling o direito de aprovar antecipadamente a matéria - apuração, chamadas, títulos, citações, ilustrações, fotografias etc."

O mais grave é saber que isto é rotina: jornais assinam contratos de confidencialidade e antecipam as matérias para aprovação do entrevistados quando eles são celebridades que estão lançando livros.

(cf. *Media Guardian*, com texto em português de Joana Sales em site:

<http://www.bluebus.com.br/index2frm>).

No caso, a assessoria de imprensa de Rowling mostrou rara eficiência, devorando o jornalismo. Conforme lembra Bárbara Hartz : “o assessor de imprensa produz pautas, na forma de *press releases* ou não,” e seu trabalho “consiste em ajudar o cliente a discernir o que é notícia ou não e a se relacionar com a imprensa.” (cf. Assessor e jornalista, a separação necessária, *observatorio da imprensa*, no.231, 01/07/03, seção imprensa em questão).

O caso Harry Potter confirma o curso do desenvolvimento do capitalismo, na visão histórica da economia política de Karl Marx:

Houve tempo, como na Idade Média, em que não se trocava senão o supérfluo, o excedente da produção sobre o consumo. Houve, também, tempo em que não somente o supérfluo, mas todos os produtos, toda a existência industrial, passaram ao comércio, e que a produção inteira dependia da troca, de tráfico, e podia ser alienado. Este foi o tempo em que as próprias coisas que, até então, eram transmitidas mas jamais trocadas; dadas, mas jamais vendidas; adquiridas, mas jamais compradas – virtude, amor, opinião, ciência, consciência, etc. – em que tudo, enfim passou ao comércio. Este foi o tempo da corrupção geral, da venalidade universal ou, para falar em termos da Economia Política, o tempo em que tudo, moral ou físico, tornando-se valor venal, é levado ao mercado para ser apreciado no justo valor.

(cf. Nelson W. Sodré. *A História da Imprensa no Brasil*. p.8)

Livros, livros, livros ...

Saindo da história e dando asas à fantasia perguntarão alguns: Monteiro Lobato se identificaria com o mundo de Paulo Coelho e J. K. Rowling? Não sabemos com certeza.

O que apuramos é o seu conhecimento sobre a importância da contribuição da propaganda e da publicidade e da sua constante presença na imprensa de sua época. Ele falava sem papas na língua, o que galvanizou opositores seja para sua literatura infantil (houve até uma queimada de livros de Lobato promovida em um colégio de católicos tradicionalistas) seja para sua pregação político econômica (a campanha do petróleo que o levou à prisão por três meses). Mas era genuíno o interesse de Monteiro Lobato pelos problemas do país, ele escrevia seus livros para participar da construção de um modo de pensar a vida nacional falando para adultos e crianças. Ele soube formar seu público leitor. E como Paulo Coelho e J. K. Rowling, Monteiro Lobato não teve a aprovação de críticos literários que buscavam textos de padrões estéticos inovadores.

Concluimos: a herança do Lobato editor foi o reconhecimento da atividade de fazer livros como um negócio e como expressão de idéias assumidas pelos escritores, autores dos textos. O limite do Lobato editor pode ser dado pelo Lobato escritor e cidadão brasileiro que acreditava que um país se faz com homens e livros, em um período da história em que era forte o sentimento de se pertencer a uma nação.

Estamos em uma nova etapa da história, de um mundo e de uma economia globalizada. Que permite também respostas, embora de curtíssima duração, dos insatisfeitos com as rígidas regras do capitalismo, como o caso dos fãs do projeto Harry 5 Br. Mas o objetivo declarado de colocar a tradução do livro inteiro na internet não ocorreu pois a página foi tirada do ar, por interferência jurídica, por infringir a lei dos direitos autorais.

A idéia dos tradutores amadores do Harry Potter 5 era saciar a curiosidade e a ansiedade dos leitores que não lêem em inglês, até a publicação do livro em português. Mas do ponto de vista empresaria, a página representava uma concorrência ao livro impresso anunciado para o final do ano, conforme entendeu a Editora Objetiva que tem os direitos de tradução e publicação da obra.

O sentido da urgência, a importância da velocidade com que recebemos a oferta de bens é também a marca do mundo em processo de globalização. A redefinição de fronteiras, de certezas e de valores --característica deste momento histórico -- é um desafio para a ação no campo da leitura, pois anuncia alterações profundas no modo de agir e ser das pessoas, conforme comenta um observador crítico da conjuntura:

Global é a especulação financeira, esta *nuvem de gafanhotos* que trucidava economias e moedas nacionais, e devasta populações e sociedades. Global é a internet, esta rede horizontal e descentralizada: uma estrutura, um formato e uma dinâmica que constituem um dos emblemas mais formosos de nossa época. Globais são as empresas que se referenciam cada vez mais em suas taxas de lucro e cada vez menos nos interesses de seus estados e sociedade de origem. Globais são as organizações não-governamentais que lutam por valores e propósitos que independem de estados particulares (Anistia, Médicos sem Fronteiras, *Greenpeace*, etc.). Cada vez mais globais são os encontros e reuniões mundiais (Davos e Porto Alegre) que tentam articular os interesses das elites e dos povos em escala planetária.

Sob nossos olhos, um processo revolucionário em curso. Subversão de padrões. Instabilidade. Mutações. Areias movediças. Intranquilidade, angústias, crises de identidades. Será o caos? Desafios.

(cf. Daniel Aarão Reis Filho. Globalização em questão: revolução, reação, alternativas.)

4. Bibliografia

BARBOSA, João Alexandre. Entrou para a Academia, não para a literatura. *Cult* 70, julho de 2003, pp. 32-35.

BLOOM, Harold. Elas não são idiotas. (Entrevista a Luís Antônio Giron) revista *ÉPOCA*, 03/02/2003, edição 246.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a Longa Duração, trad. A.M. Camargo, *Revista de História* no. 62, abr.-jun. 1965, São Paulo, F.F.C.L. da USP, pp. 261-294

BRAGANÇA, Aníbal. O difícil ofício de editar livros, in "Caderno Idéias" do *Jornal do Brasil* em 06/07/2002.

BYRNE, Ciar. 'Never again' says Times man of Rowling legal wrangling, Friday July 4, 2003, *Media Guardian* ; citado com texto em português de Joana Sales, no site da internet (<http://www.bluebus.com.br/index2frm>).

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2^a. ed. ver. e aum., São Paulo, Nacional, 1956. 2 tomos.

HARTZ, Barbara. Assessor e jornalista, a separação necessária, *observatorio da imprensa*, 01/07/03, no.231, seção imprensa em questão

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.iq010720033.htm>

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: empresário, trabalhador intelectual e ideólogo da indústria do livro no Brasil*, São Paulo, ECA-USP, 1978. (dissertação de mestrado).

LOBATO, Monteiro. *América*, 3^a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1966.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, 12^a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1968. 2 volumes.

LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 7^a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1972.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. 11^a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1964.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Globalização em questão: revolução, reação, alternativas, no site *Gramsci e o Brasil* . <http://www.artnet.com.br/gramsci>.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*, Rio, Civilização, 1966.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. M. I. Szmrencyani e T.Szmrencyani, São Paulo, Pioneira, 1967.